

Haydu, Verônica Bender. É possível ser feliz a dois? **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1188, p. 7, set. 2005.

É possível ser feliz a dois?

Recentemente, fiz uma busca na Internet para localizar frases ou máximas que eu pudesse citar no final dos artigos que estava escrevendo sobre o casamento. Ao digitar esta palavra, obtive diversas listas, sendo que em todas elas a maioria das frases era pejorativa, que depreciavam o casamento ou fazem piadas sobre ele. Por exemplo,

“Estranho dizer que prazer nós, pessoas casadas, temos em ver esses pobres tolos caindo na mesma armadilha que nós.” (Samuel Pepys)

“O amor é um sonho e casamento um despertador!” (autor desconhecido)

"O pior casamento é o que dá certo." (Millor Fernandes)

Eu fiquei decepcionada e me perguntei se o que eu estava escrevendo sobre viver feliz a dois ou em família era muito raro, a ponto de ninguém ter algo positivo a dizer sobre o assunto. No entanto, uma outra pergunta me veio à cabeça: Se o casamento é algo tão ruim assim, porque tantas pessoas se casam e porque as pessoas que se separaram voltam a se casar? O mais engraçado ainda, é que os homens, que são aqueles que mais depreciavam o casamento, são os que mais rapidamente “arranjam” outra mulher e voltam a viver a dois.

Insisto, então: É possível ser feliz a dois?

Com muita frequência ouve-se dizer que após algum tempo de casados, a paixão acaba e vem a rotina, eliminando a possibilidade de o casal ser feliz. Certamente, a rotina contribui para tornar o casamento desinteressante e corromper a relação de amor. E a paixão? O que podemos dizer sobre ela? Será que deve durar para sempre? A final, o que é paixão?

Paixão é aquele sentimento forte, difícil de ser controlado, que faz com que tenhamos vontade de ficar abraçados, de nos tocar e de nos beijar o tempo todo, e que envolve forte atração sexual. A psicóloga Dr^a Mariagrazia Marini Luwisch escreve que “*o apaixonado não consegue controlar esse sentimento, intenso e irracional - gasta no mínimo, 4 horas por dia pensando no*

ser amado, segundo uma pesquisa feita na Itália. Quem experimenta essa sensação inebriante não mede conseqüências. Só uma coisa importa: ser correspondido.”

Sobre o que deve acontecer com a paixão nos relacionamentos amorosos afirma: “as paixões não são eternas. Seu destino habitual, quando a relação persiste no tempo e cresce, é transformar-se em amor. (...) A paixão é quase uma doença e sem dúvida a mais deliciosa de todas, mas, por sua enorme exigência, tende a diminuir por esgotamento. Em condições normais, uma porção de paixão se conserva intacta e produz felizes noites de prazer; outra porção se transforma em amor que assegura que os dias sejam felizes.”

Concordo com a Dr^a Mariagrazia: paixão e amor em doses adequadas e nos momentos certos, pode ser a receita da felicidade. Esta idéia combinada com o que escrevi no artigo anterior “Você é tudo para mim...”, no qual analisei os problemas que enfrentamos quando a pessoa que amamos é a nossa única fonte de prazer, satisfação e apoio. Quando a pessoa que amamos é tudo para nós, estamos deixando de dosar o nosso relacionamento. Imaginem como seria a vida das pessoas, se uma vez apaixonadas, aquele frenesi durasse para sempre. Imaginem um pai de família que ao ver a sua esposa fica todo excitado, o seu coração dispara e “quase vem na boca”, lhe falta o ar e nada mais importa a não ser tocá-la, beijá-la abraçá-la e “querer desaparecer do mundo com ela”. O que seria da vida em família?

"Como é vil o coração que, incapaz de amar, não pode conhecer o delírio da paixão! Se não amas, és indigno do sol que te ilumina, da lua que te consola." (Omar Kháyyám)

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo